temporada

DARCOS

2022

15ª edição

ORGANIZAÇÃO

Torres Vedras Câmara Municipal

TEATRO·CINE TORRES VEDRAS

DARCOS

PROGRAMA

A SAGRAÇÃO DA PRIMAVERA

29 janeiro [sábado | 21:30]
Centro Cultural e Congressos
Caldas da Rainha

5 fevereiro [sábado | 21:30]
Teatro-Cine de Torres Vedras

23 fevereiro [quarta-feira | 21:30]
Coliseu de Lisboa

CÂNTICO DE AGRADECIMENTO OFERECIDO À DIVINDADE POR UM CONVALESCENTE

19 fevereiro [sábado | 19:00]
Música na Universidade
Anfiteatro Chimico | Museu Nacional
de História Natural e da Ciência
Lisboa

20 fevereiro [domingo | 17:00]
Hotel Dolce Campo Real | Turcifal
Torres Vedras

TIME STANDS STILL

5 março [sábado | 21:30]
Átrio da Câmara Municipal
de Torres Vedras

6 março [domingo | 17:00]
Pequeno Auditório do CCB
Lisboa

STABAT MATER
Concerto de Páscoa

16 abril [sábado | 21:30]
Igreja do CAS Runa
Torres Vedras

17 abril [domingo | 17:00]
Música na Universidade
Salão Nobre do Instituto Politécnico
de Lisboa

CONCERTO TRAGICÓMICO

20 maio [sexta-feira | 18:00]
Museu Nacional da Música
Lisboa

21 maio [sábado | 17:00]
Quinta da Almiara
Torres Vedras

SINFONIA TITÃ
Gustav Mahler

24 junho [sexta-feira | 21:30]
Coprodução entre Festival Estoril Lisboa e Temporada Darcos
Local a designar

25 junho [sábado | 21:30]
Teatro-Cine de Torres Vedras

LA VIDA SECRETA
Lançamento de CD

Ópera de câmara a partir
de Salvador Dali e Gala

Coprodução entre Little Opera Zamora (Espanha) e Temporada Darcos

15 julho [sexta-feira | 21:30]
16 julho [sábado | 21:30]
Auditório do CAC | Centro de Artes
e Criatividade de Torres Vedras

30 julho [sábado | 21:00]
Teatro Ramos Carrión | Zamora
Espanha

UMA ROSA NA ESCURIDÃO
Mallarmé e
Mário de Sá Carneiro

Concerto integrado na Temporada Cruzada Portugal-França

22 setembro [quinta-feira | 20:00]
Grand Théâtre de La Comète
Saint-Éttienne
França

24 setembro [sábado | 21:30]
Auditório Municipal Ruy de Carvalho
Carnaxide

25 setembro [domingo | 20:00]
Sala Suggia | Casa da Música
Porto

SHLOMO MINTZ

1 outubro [sábado | 21:30]
Teatro-Cine de Torres Vedras

2 outubro [domingo | 21:00]
Música na Universidade
Aula Magna da Reitoria
da Universidade de Lisboa

3 outubro [segunda-feira | 18:00]
Sala Suggia | Casa da Música
Porto

GRANDES QUARTETOS COM PIANO

19 novembro [sábado | 19:00]
Música na Universidade
Salão Nobre da Reitoria
da Universidade de Lisboa

20 novembro [domingo | 17:00]
Teatro-Cine de Torres Vedras

CONCERTO DE NATAL

16 dezembro [sexta-feira | 21:30]
Átrio da Câmara Municipal
de Torres Vedras

17 dezembro [sábado | 21:30]
Música na Universidade
Salão Nobre do Instituto Politécnico
de Lisboa

informação em temporadadarcos.com | cm-tvedras.pt/teatro-cine

temporada
DARCOS
2022
29ª edição

O TEMPO DA FÉNIX

Há dois anos que vivemos suspensos, num tempo suspenso. Tempo dissonante, ruidoso, pontuado pelo irritante ostinato do coronavírus. Ainda que persistam algumas interrogações, cremos ter chegado àquele momento que em música se chama o «ataque», momento mágico, expectante, pleno de promessas, em que as mãos do pianista, estáticas, tensas, prontas, se preparam para inaugurar um novo tempo, o tempo encantado da arte musical. É tempo de renascer. Para nós, chegou o tempo da Fénix, a ave ancestral e mítica que, renascendo das próprias cinzas, marca o início de um novo ciclo. Que voe alto e magnífica no azul vasto dos céus, são os nossos votos. Que a grande Arte nos possa sanar das implacáveis dissonâncias da Natureza. Para isso trabalhamos. 2022 será o ano em que Shlomo Mintz, um dos maiores violinistas do nosso tempo, visitará Portugal para interpretar o maravilhoso *Concerto para Violino e Orquestra* de Beethoven, acompanhado pela Madrid Soloists Chamber Orchestra, dirigida por Nuno Côrte-Real; serão três concertos, em Lisboa, Torres Vedras e, pela primeira vez na Temporada Darcos, na Casa da Música no Porto. Mas 2022 verá também renascer uma nova e original versão do bailado *A Sagração da Primavera*, de Stravinski, protagonizada pela Vortice Dance Company e pelos seus coreógrafos Cláudia Martins e Rafael Carriço. Também no Porto, e na mesma Casa da Música, vindo de Lyon, irá apresentar-se um dos mais conceituados ensembles franceses de música contemporânea, o Ensemble Orquestral Contemporain, com o seu diretor musical, Bruno Mantovani, destacado maestro e compositor, num intercâmbio musical que integra a Temporada Cruzada Portugal-França. O ano de 2022 traz ainda uma nova parceria com a Universidade de Lisboa, intitulada Música na Universidade, uma série de concertos de câmara e sinfónicos em espaços de rara beleza e muita história, como o Anfiteatro Chimico (Museu Nacional de História Natural e da Ciência) ou a Aula Magna da Reitoria. De Espanha, com o perfume surrealista do genial pintor Salvador Dalí, será apresentada a ópera de câmara *La Vida Secreta*, com música de Nuno Côrte-Real, libreto da escritora, tradutora e poeta, Martha Asunción Alonso, e encenação de Carlos Antunes, numa coprodução entre a Temporada Darcos e o Festival Little Opera, de Zamora; nessa cidade espanhola, à beira-Douro plantada, será ainda lançado um novo CD, música ligeiramente surreal onde o real sonoro será sonoramente irreal… O Ensemble Darcos continuará em 2022, a sua viagem de excelência por caminhos tão vários como Mahler, Bach, Stravinski ou Dvořák, sempre com apresentações que desafiam os críticos mais exigentes, pela sua extraordinária qualidade e empenho emocional. É tempo de renascer, das nossas cinzas e dos nossos medos, de voar novamente e continuar a luta por um futuro global sustentável e pacífico. Tentaremos que a Música, arte por excelência do indizível, possa nesta 15ª edição da Temporada Darcos, dizer o mais possível. Queremos dizer tudo sem usar uma palavra. Gritar a esperança em modo mudo.

Nuno Côrte-Real

"A arte e a cultura são dispositivos essenciais para que possamos reconstruir, e, em muitos casos, reinventar a colaboração, o diálogo, a participação.

Elas permitem sonhar, acreditar, reencantar as nossas cidades e vilas, os nossos lugares, porque constituem uma força colectiva apropriável e envolvente."

João Bonifácio Serra
Historiador

A Temporada Darcos expressa-se num programa artístico que repousa num projeto cultural agregador, ancorado numa visão singular sobre o papel das artes e da cultura no pleno desenvolvimento sustentável das comunidades.

Em 2022, num movimento assumidamente centrífugo de (re)encontro, a constelação de territórios tocados pela Temporada Darcos expande-se. O conceito de fronteiras é resignificado e, em lugar de constituírem barreiras, que acentuam a fragmentação e a insularidade, convertem-se em pontos de contacto. Sob a égide da aproximação, ligações virtuosas tecem uma rede policêntrica com instituições e coletivos de perfil, geografia e escala diversas, aprofundando a cidadania cultural. Sob o signo da cooperação, ensaia-se uma ecologia de práticas colaborativas que, incorporando conhecimento e competências, aportam inovação aos diversos atores institucionais envolvidos. Nascem, assim, coproduções entrecruzando aspirações, intenções e mutualizando recursos.

A Temporada, na sua dimensão de processo, fecunda relações dialógicas entre diferentes referentes, códigos e universos estéticos. A desocultação do património artístico universal, onde avultam obras-primas da humanidade, é propiciadora do exaltante prazer da descoberta que se reforça no confronto com a criação nova.

Na sua 15ª edição, a Temporada Darcos promove uma verdadeira celebração das artes e da cultura, transportando um imaginário sedutoramente feérico e um horizonte de utopia propulsor de futuros livres e de novos caminhos progressistas.

Ana Umbelino

A SAGRAÇÃO DA PRIMAVERA

29 janeiro [sábado | 21:30]
CCC | Caldas da Rainha

5 fevereiro [sábado | 21:30]
Teatro-Cine de Torres Vedras

23 fevereiro [quarta-feira 21:30]
Coliseu de Lisboa

N. Côrte-Real (n. 1971)
Rock, op. 14 B

C. Debussy (1862 – 1918)
Prelúdio à sesta de um fauno

I. Stravinski (1882 – 1971)
A Sagração da Primavera

I. Adoração da Terra
II. O Sacrifício

Cláudia Martins
e Rafael Carriço | coreografia
VORTICE DANCE COMPANY

Nuno Côrte-Real | direção musical
ORQUESTRA DO ATLÂNTICO

Certas obras, pela sua importância fulcral no contexto de uma linguagem artística, costumam ter por epíteto "há um antes e um depois". Nada na música ocidental e no *ballet* seria o mesmo depois da estreia d'*A Sagração da Primavera*, a 29 de maio de 1913, em Paris. De um lado a música de Stravinsky, explosiva rutura com os cânones da composição, tendo, contudo, na base, canções populares lituanas, o que confere uma unidade idiomática nem sempre percetível. Do outro, a inovadora coreografia de Nijinsky para os Ballets Russes, contrariando as dramaturgias convencionais, em movimentos de uma intensidade física e emocional sem paralelo. O bailado, dividido em duas partes, *A Adoração da Terra* e *O Grande Sacrifício*, narra a história de um ritual tribal onde uma jovem deve ser sacrificada, como oferenda ao deus da primavera. Curiosamente, a estreia de Nijinsky no campo da coreografia ocorrera um ano antes, em 1912, com a obra *Prélude à l'après-midi d'un faune*, de Debussy. Para muitos, o início do Modernismo musical, esta é a obra mais famosa do compositor, que a escreveu entre 1891 e 1894. Baseado no poema homónimo de Stéphane Mallarmé (1842-1898), onde encontramos um fauno ao despertar num fim-de-tarde, e as suas reminiscências de encontros amorosos com ninfas, são as sugestões e evocações de sensações que Debussy procura plasmar, ao invés da expressividade romântica então em voga. Dois temas melódicos trespassam o prelúdio: um, sinuosamente cromático, confiado à flauta, e outro, liricamente expressivo, nos instrumentos de corda.

LUMEN HOTEL
& THE LISBON LIGHT SHOW
adlc
VDVISUALS

CÂNTICO DE AGRADECIMENTO OFERECIDO À DIVINDADE POR UM CONVALESCENTE

19 fevereiro [sábado | 19:00]
Música na Universidade
Anfiteatro Chimico
Museu Nacional de História Natural e da Ciência | Lisboa

20 fevereiro (domingo | 17:00]
Hotel Dolce Campo Real
Turcifal | Torres Vedras

J. S. Bach (1685 – 1750)
4 Prelúdios do Primeiro Livro do Cravo Bem Temperado
(arr. Nuno Côrte-Real)

I. VII
II. X
III. XVII
IV. XXIII

L. van Beethoven (1770 – 1827)
Quarteto de Cordas nº 15, em Lá menor, op. 132

I. Assai sostenuto - Allegro
II. Allegro ma non tanto
III. Molto Adagio
IV. Alla marcia, assai vivace
V. Allegro appassionato

ENSEMBLE DARCOS

Erroneamente traduzido por *O Cravo Bem Temperado* [visto a palavra alemã "clavier", no título original *Das wohltemperierte Clavier*, ser um termo genérico para "teclado"], foi escrito por Johann Sebastian Bach em 1722, "para o proveito e uso dos jovens músicos desejosos de aprender e, especialmente, para o entretenimento daqueles já experientes com esse estudo". À época Kappellmeister da Corte de Anhalt-Köthen, Bach escreveu 24 conjuntos de prelúdio e fuga, correspondentes a uma das 24 tonalidades maiores e menores. Entre 1739 e 1742, retomaria o mesmo propósito formal, elaborando um 2º livro. Os 4 prelúdios do 1º livro foram adaptados para ensemble instrumental por Nuno Côrte-Real, em 2008. O VII, de intrincado contraponto floreado, com um tema que percorre as diversas vozes, contrasta com o X, assente numa melodia sinuosamente dolente que se vai metamorfoseando. Galante, mas conciso, ao prelúdio XVII sucede-se o Prelúdio XXIII, um diálogo virtuoso entre as vozes instrumentais. Ao mesmo tempo que concluía a *Missa Solemnis* (1819-23) e a 9ª Sinfonia (1822-24), Beethoven iniciou a composição de 3 quartetos de cordas (op. 127, 132 e 130) em meados de 1823, encomenda do príncipe Nikolai Galitzin, aos quais viria a acrescentar mais 2 (op. 131 e 135), genericamente conhecidos como os "últimos quartetos", pedra angular da música de câmara da Música Ocidental. Beethoven encontrava-se totalmente surdo e acometido de achaques crónicos, herança do tifo que contraíra em 1796 e da cirrose pós-hepática que viria a revelar-se fatal. Após uma crise aguda, no Inverno de 1824, acrescentou um *Cântico de agradecimento oferecido à divindade por um convalescente* ao quarteto que estava a compor. O longuíssimo 3º andamento do Quarteto de Cordas nº 15, op. 132, que viria a ser estreado a 6 de novembro de 1825, consta de dois temas: molto adagio, devotamente solene; e andante, em jeito de romanza para violino.

TIME STANDS STILL

5 março [sábado | 21:30]
Átrio da Câmara Municipal
de Torres Vedras

6 março [domingo | 17:00]
Pequeno Auditório do CCB Lisboa

M. Ravel (1875 – 1937)
Introdução e Allegro
(septeto com harpa)

J. Dowland (1563 – 1626) /
/ **Nuno Côrte-Real** (n. 1971)

TIME STANDS STILL

I. Mr. Sérgio Azevedo's Prelude

II. Come again! sweet Love doth now invite

III. Mr. António Pinho Vargas Pavan

IV. Flow, my tears

V. Mr. Artur Ribeiro's Air

VI. Awake, sweet love

VII. Mr. Mats Lidstrom his Fantasia

VIII. I saw my lady weep

IX. Sir Christopher Bochmann his atonal transition

X. Shall I sue

XI. Mr. Eurico Carrapatoso's Fugue

XII. Weep you no more, sad fountains

XIII. Lady Maria João's Improvisation

XIV. Time stands still

XV. I Know not what tomorrow will bring

(Fernando Pessoa's last written words on the day of his death)

Eduarda Melo | soprano
Nuno Côrte-Real | direção musical
ENSEMBLE DARCOS

Time Stands Still resulta de uma encomenda do Centro Cultural de Belém para o Festival Dias da Música, em 2019. Sete canções do compositor renascentista inglês John Dowland são intercaladas com outros tantos interlúdios instrumentais de Nuno Côrte-Real, dedicados a amizades do seu universo pessoal. A sobriedade de Dowland resplandece em cada canção, contrastantes entre si, ora melancólicas ora animadas, mas sempre expressivas, baseando-se nas duas danças então em voga, a pavana (lenta) e a galharda. Os interlúdios revelam a pluralidade de Côrte-Real, a inspirada aproximação a universos musicais distintos, numa saborosa simbiose, informal e descomplexada. Da pureza cristalina da música de John Dowland, Nuno Côrte-Real reflexiona e reflete. Não imita, não distorce. A imagem de um espelho duplo, em que Dowland se vê enclausurado nuns modernos *jeans* e Côrte-Real num imponente rufo branco plissado, um olhar contemporâneo sobre o antigo. Mas não se confunda contemporaneidade com modernidade. Ambos autores são modernos, cada um circunscrito a uma contemporaneidade do tempo histórico que habitam. São ambos *musicus poeticus* na sua mundividência, na sua evasão da realidade, procurando o infinito, o gesto teatral, volvendo numa espiral de tensões e distensões, numa magnificência singelamente natural, sem subterfúgios supérfluos.
Como nos diz Afonso Miranda, "a obra conclui com uma meditação sobre o mistério do tempo, a imobilidade da mudança, a eternidade". O Tempo está parado.

STABAT MATER
Concerto de Páscoa

16 abril [sábado | 21:30]
Igreja do CAS Runa
Torres Vedras

17 Abril [domingo | 17:00]
Música na Universidade
Salão Nobre do Instituto
Politécnico de Lisboa

L. Bocherini (1743 – 1805)
Stabat Mater, op. 65

I. Stabat mater dolorosa, Grave assai

II. Cujus animam gementem, Allegro

III. Quae moerebat et dolebat, Allegretto con moto

IV. Quis est homo, Adagio assai – Recitativo

V. Pro peccatis suae gentis, Allegretto

VI. Eja mater, fons amoris, Larghetto non tanto

VII. Tui nati vulnerati, Allegro vivo

VIII. Virgo virginum praeclara, Andantino

IX. Fac ut portem Christi mortem, Larghetto

X. Fac me plagis vulnerari, Allegro comodo

XI. Quando corpus morietur, Andante lento

Joana Seara | soprano
Massimo Spadano | violino
ENSEMBLE DARCOS

Considerada a mulher mais bonita de Portugal, D. Maria Benedita (1746-1829) casou-se em 1777, por imposição de seu pai, o Rei D. José, com o sobrinho, D. José, filho de sua irmã, a futura Rainha D. Maria I e do tio paterno de ambas, o Infante D. Pedro. Tendo enviuvado precocemente, em 1788, fundou o Real Asilo de Runa para militares pobres e inválidos, em memória do marido. Como proferiu no dia da inauguração do edifício, em 1827, "estimo ter podido concluir o hospital que mandei construir para descansardes dos vossos honrosos trabalhos". Seria para o tio materno de D. Maria Benedita que Luigi Boccherini (1743-1805) escreveria, em 1781, o *Stabat Mater,* op. 85. Nascido Infante de Espanha, nomeado Arcebispo-Primaz de Toledo e sagrado Cardeal-presbítero com apenas 8 anos, Luís de Bourbon (1727-1785) passaria à História como o mecenas do pintor Francisco Goya e do violoncelista e compositor Boccherini. Em 1754, renunciaria à vida religiosa por querer "maior tranquilidade de espírito e de consciência". Apesar da forte oposição do irmão, o Rei Carlos III de Espanha, Luís desejando formar família, casou-se, em 1776, com a jovem Maria Teresa, filha dos condes de Torrescea e Castelblanco, o que lhe valeu o desterro da Corte. Natural de Lucca, Toscânia, Luigi Boccherini entrara ao serviço do Infante em 1770, tendo-o seguido no exílio. Foi no discreto palácio de la Mosquera, em Arenas de San Pedro, Ávila, que compôs o *Stabat Mater*, para soprano (provavelmente sua mulher, a virtuosa cantora Clementina Pelliccia) e quinteto de cordas. A força emotiva contida no texto, escrito em verso pelo Papa Inocente III (1161-1216), meditando sobre o sofrimento de Nossa Senhora perante Cristo crucificado, é plasmada de forma eloquente e profundamente elegante ao longo de 11 andamentos.

CONCERTO TRAGICÓMICO

20 maio [sexta-feira | 18:00]
Museu Nacional da Música
Lisboa

21 maio [sábado | 17:00]
Quinta da Almiara
Torres Vedras

J. Haydn (1732 – 1809)
Quarteto de cordas em Mib Maior, op. 33 nº 2 "A piada"

I. Allegro Moderato Cantabile
II. Scherzo
III. Largo sostenuto
IV. Presto

I. Stravinski (1882 – 1971)
Três peças para quarteto de cordas

L. van Beethoven (1770 – 1827)
Quarteto de Cordas nº 11, em Fá menor, op. 95 "Serioso"

I. Allegro con brio
II. Allegretto ma non troppo
III. Allegro assai vivace ma serioso
IV. Larghetto espressivo - Allegretto agitato

Raramente uma obra musical estreou em semelhantes circunstâncias: no dia 25 de Dezembro de 1781, no Palácio Imperial de Viena, diante dos principais músicos da cidade, do Imperador José II e dois distintos convidados, os Grão-duques Paulo e Maria Romanov (futuros Imperadores da Rússia, que viajavam pela Europa incógnitos), escutou-se, pela primeira vez, uma coletânea de 6 quartetos escritos por Haydn, em 1780, para a casa editorial Artaria. Dadas as circunstâncias da sua estreia, passariam à posteridade como os Quartetos Russos. A piada que subjaz ao título do quarteto op. 33, n.º 2, surge nos compassos finais do 4º andamento, após impolutas páginas de imbatível graciosidade melódica. O tema do rondo começa a ser entrecortado por silêncios até que, inesperadamente, se extingue! Compostas em 1914 e revistas em 1918, as *Três peças para Quarteto de Cordas* são um bom exemplo da forma concisa como Stravinsky procura maximizar os recursos. Ao invés do diálogo canónico entre instrumentos, ou da predominância de uma melodia acompanhada, sucedem-se texturas fragmentadas, abundantes em paletas harmónicas e recursos tímbricos. Em 1928, Stravinsky daria um título a cada um dos andamentos: I. Dança; II. Excêntrico; III. Cântico. Igualmente conciso, mas numa dimensão oposta, o Quarteto op. 95 de Beethoven foi escrito em 1810 e dedicado ao amigo Nikolaus von Zmeskall. Estreado em 1814 e publicado em 1816, tem o curioso facto de partilhar a mesma tonalidade, fá menor, com o primeiro (op. 18) e o último (op. 135) dos seus quarteto de cordas. Beethoven confidenciou "O quarteto é escrito para um círculo de *connoisseurs* e nunca deverá ser apresentado em público", o que não é de estranhar dada a tremenda modernidade que o compositor evoca: concentração formal, pungência melódica, robustez rítmica, interrupções abruptas e ousadas mudanças de tonalidade. Talvez daí o título que o próprio escreveu, "Quartett[o] Serioso". Mas, se a essência emocional é perturbadora, a ansiedade e tensão predominam, fica a nota final do imperativo de transcender as adversidades com os últimos compassos, vertiginosamente primaveris. Como se Beethoven conhecesse os versos de Sophia "Depois da cinza morta destes dias / (…) a terra emergirá pura do mar".

SINFONIA TITÃ
Gustav Mahler

24 junho [sexta-feira | 21:30]
Local a designar
Coprodução entre Festival Estoril Lisboa e Temporada Darcos

25 junho [sábado | 21:30]
Teatro-Cine de Torres Vedras

Profundamente inovadora, os primeiros esboços desta monumental sinfonia datam de 1883, ao mesmo tempo que Mahler escrevia o ciclo *Canções de um companheiro viajante*, incorporando a 2ª canção como tema principal do I andamento e a secção final da 4ª canção no III andamento. Completada entre finais de 1887 e março de 1888, viria a ganhar o subtítulo de Titã em 1893, pela mão do compositor. Densa na conceção, complexa nos conteúdos narrativos, emocionalmente extremada, da simplicidade do quotidiano à transcendência onírica, esta sinfonia parece querer despertar no ouvinte o inconsciente invisível.

A "Primavera sem fim", nas palavras de Mahler, o I Andamento, Devagar, arrastando-se: Como sons da Natureza – Sempre muito devagar, começa com uma longa introdução. Do silêncio nasce o som, o sol desponta no horizonte pontuada pelo chilrear dos pássaros, fanfarras ao longe e o restolhar das folhas à brisa matinal. Segue-se uma esfuziante melodia. O II andamento, Vigorosamente agitado, mas não muito rápido – Bem devagar, invoca os *ländler* (dança que estaria na origem da valsa), em jeito de idílio amoroso. Segue-se uma desconcertante marcha fúnebre, com a citação da melodia infantil *Frére Jacques*. A longa indicação de andamento, Solene e compassado, sem se arrastar — Muito simples e direto à maneira popular — Algo mais forte, tal como no início, não deixa antever os breves episódios de música judaica e a autocitação da canção cujo texto original diz "(…) Quando ainda não sabia como a vida dói / Era tudo, tudo ainda bom! / Tudo! Tudo! Amor e dor! E mundo e sonho!" Descrito por Mahler como "do inferno ao paraíso", o último andamento, Tempestuoso, comovido – Enérgico, navega de uma tonitruante explosão até à fanfarra final, todas as tensões criadas são finalmente resolvidas!

G. Mahler (1860 – 1911)
Sinfonia nº 1 (arr. para ensemble de K. Simon)

I. Langsam, schleppend - Immer sehr gemächlich

II. Kräftig bewegt, doch nicht zu schnell - Recht gemächlich

III. Feierlich und gemessen, ohne zu schleppen - Sehr einfach und schlicht wie eine Volksweise

IV. Stürmisch bewegt - Energisch

Nuno Côrte-Real | direção musical
ENSEMBLE DARCOS

LA VIDA SECRETA
Lançamento de CD

Ópera de câmara a partir
de Salvador Dalí e Gala

Coprodução entre Festival Little Opera, Zamora – Espanha e Temporada Darcos

15 julho [sexta-feira | 21:30]
16 julho [sábado | 21:30]
Auditório do CAC
Torres Vedras

30 julho [sábado | 21:00]
Teatro Ramos Carrión | Zamora
Espanha

Nascido em Figueras, Catalunha, Salvador Felipe Jacinto Dalí i Domènech, marquês de Dalí de Púbol, foi o expoente máximo do Surrealismo. Gostava de dizer sobre si mesmo "A única diferença entre um louco e eu é que eu não estou louco". Em agosto de 1929, conhece Elena Diákonova (Gala), pela mão de René Magritte e Luis Buñuel. Desse encontro nasceria uma ligação poliédrica, que precipitaria o divórcio de Gala, nesse mesmo ano, vindo ambos a casarem-se em Paris, em 1932. Profundamente culta, Gala tornou-se não apenas na musa de Dalí mas, igualmente, na sua *marchand*, conselheira, e administradora. A ligação entre ambos era de tal forma profunda que, em 1950, o pintor afirmou "Assinando as minhas obras como Gala-Dalí, não faço mais que dar nome a uma verdade existencial, porque não existiria sem a minha gémea Gala". Nesta importante parceria entre o Festival Little Opera de Zamora e a Temporada Darcos, encontramos Nuno Côrte-Real, porventura o compositor português mais prolífero no domínio da ópera. Após *A Montanha* e *O Rapaz de Bronze* (2007), *Banksters* (2011), *Os dilemas dietéticos de uma matrioska do meio* (2016) e *Canção do Bandido* (2018), chega *La vida secreta*, estreada em Leiria, em outubro de 2021. O libreto, de Martha Alonso, baseia-se no diário que Gala escreveu ao longo da vida, apenas descoberto em 2011, no castelo de Púbol (oferecido por Dalí em 1969), e publicado com o título *La vida secreta*. Como nos diz o compositor "esta ópera de bolso (…) serve como ponto de partida para uma transposição do universo da sua obra aos dias de hoje, onde a digitalização das relações tomou proporções desafiantes e absurdas. Gala como a mulher que não assistiu ao movimento #MeToo, mas… e se tivesse participado, haveria Dalí? As girafas continuariam o seu passeio exótico de pernas longas?".

Nuno Côrte-Real | Música e direção musical
Martha Asunción Alonso | Libreto
Carlos Antunes | Encenação
Conchi Moyano | Soprano
ENSEMBLE DARCOS

UMA ROSA NA ESCURIDÃO
Mallarmé e Mário de Sá Carneiro

Concerto integrado na Temporada Cruzada Portugal-França

22 setembro [quinta-feira | 20:00]
Grand Théâtre de La Comète
Saint-Éttiene
França

24 setembro [sábado | 21:30]
Auditório Municipal Ruy de Carvalho | Carnaxide

25 setembro [domingo | 20:00]
Sala Suggia | Casa da Música
Porto

G. Ligeti (1923 – 2006)
Kammerkonzert (1970)

B. Mantovani (n. 1974)
Concerto de Câmara n° 3 (2016)

N. Côrte-Real (n. 1971)
Três poemas de Mário de Sá Carneiro (2022)
ESTREIA ABSOLUTA

M. Ravel (1875 – 1937)
Trois poèmes de Mallarmé (1914)

I. Soupir - dedicada a Igor Stravinski

II. Placet Futile - dedicada a Florent Schmitt

III. Surgi de la croupe et du bond - dedicada a Erik Satie

Dora Rodrigues | voz

Nuno Côrte-Real e Bruno Mantovani | | direção musical

ENSEMBLE DARCOS

ENSEMBLE ORCHESTRAL CONTEMPORAIN

Inserido na Temporada Cruzada Portugal-França 2022, que visa "aprofundar a ligação entre os dois países (...) com uma forte aposta na difusão da imagem moderna e criativa de Portugal", este concerto transborda de poesia feita música, invocando dois poetas tão distintos quanto semelhantes. Ambos escreveram quer em prosa quer em verso, tendo causado polémica, quiçá, até aos nossos dias. Ambos quebraram os cânones vigentes, exorcizando os vícios adquiridos da linguagem. Ambos concordavam com o tema elegíaco da mortalidade do homem versus a imortalidade da obra. Contudo, Mallarmé é um homem do *fin-de-siècle*, que esgota as fórmulas da poesia francesa do séc. XIX, projetando-a no futuro, através do movimento simbolista, na companhia de Verlaine e Rimbaud. Já Mário de Sá-Carneiro representa a transição entre o simbolismo e a vanguarda, modernizando a lírica portuguesa. Em escassos anos, entre 1912 e 1916, explorou novos modelos e estéticas, navegando sempre ao sabor de um dualismo que o atormentava. A sua capacidade imagética e linguagem metafórica fora do comum, a sublimação dos instintos depressivos em pungente catarse, causou estranheza valendo-lhe ser considerado louco pela crítica de então. Em jeito de díptico, encontram-se, pela primeira vez, *Três poemas de Mallarmé* e *Três poemas de Mário de Sá-Carneiro*. Os primeiros foram musicados por Ravel em 1913. Os segundos, saídos da pena heterodoxa de Côrte-Real, estreiam-se.

SHLOMO MINTZ

1 outubro [sábado | 21:30]
Teatro-Cine de Torres Vedras

2 outubro [domingo | 21:00]
Música na Universidade
Aula Magna da Reitoria
da Universidade de Lisboa

3 outubro [segunda-feira | 18:00]
Sala Suggia | Casa da Música
Porto

N. Côrte-Real (n. 1971)
Abertura Secondo Novecento, op. 24

L. van Beethoven (1770 – 1827)
Sinfonia nº 7, em Lá Maior, op. 92

I. Poco Sostenuto - Vivace
II. Allegretto
III. Presto - Assai meno presto
IV. Allegro con brio

L. van Beethoven (1770 – 1827)
Concerto para Violino e Orquestra em Ré Maior, op. 61

I. Allegro ma non troppo
II. Larghetto
III. Rondo. Allegro

Shlomo Mintz | violino
Nuno Côrte-Real | direção musical
MADRID SOLOISTS CHAMBER ORCHESTRA

A presença de Shlomo Mintz entre nós é um dos acontecimentos musicais de 2022. Natural de Moscovo, estudou com Isaac Stern e Dorothy DeLay, tornando-se num dos mais reputados violinistas da sua geração. O seu virtuosismo e expressividade são características ideais para abordar uma obra de profunda transcendência, o *Concerto para violino*, op. 61, de Beethoven. Escrito em escassas semanas, a pedido de Franz Clement, estrearia a 23 de dezembro de 1806, sem grande sucesso. Numa época em que os concertos tinham como objetivo último exibir as habilidades técnicas do solista, com a orquestra em pano de fundo, Beethoven escreveu um diálogo íntimo entre o violino e a orquestra, duas entidades musicais que se iluminam mutuamente, num discurso musical de grande lirismo. Esta abordagem disruptiva repete-se na Sinfonia n.º 7, op. 92, considerada por muitos como a melhor sinfonia de Beethoven. Escrita entre 1811 e 1812, na cidade termal de Teplitz, e dedicada ao conde Moritz von Fries, estreou na Universidade de Viena, a 8 de dezembro de 1813, dirigida pelo próprio compositor. Verdadeiro colosso de inventividade, esta sinfonia apresenta um novo paradigma musical, alterando, para sempre, o curso da História da Música ocidental. A subversão da ideia de melodia, sem o irresistível apelo galante do forma- lismo clássico, com motivos musicais menos delineados, ao invés de elemento temático, são catalisadores de liberdade criativa, assim como o timbre, densidade e intensidade, apresentados como parte integrante da própria estrutura, e não meros acessórios decorativos. Também a *Abertura Secondo Novecento*, op. 25 (2005) de Côrte-Real contraria os cânones formais das convenções musicais impostas pelo *mainstream* da 2ª metade do séc.XX, apresentando o pluralismo e diversidade dos múltiplos estilos musicais deste período.

GRANDES QUARTETOS COM PIANO

19 novembro [sábado | 19:00]
Música na Universidade
Salão Nobre da Reitoria
da Universidade de Lisboa

20 novembro [domingo | 17:00]
Teatro-Cine de Torres Vedras

J. Brahms (1833 – 1897)
Quarteto para piano e cordas
nº 3, em Dó menor, op. 60

I. Allegro non troppo
II. Scherzo - Allegro
III. Andante
IV. Allegro comodo

A. Dvořák (1841 – 1904)
Quarteto para piano e cordas
nº 2, em Mi bemol maior, op. 87

I. Allegro con fuoco
II. Lento
III. Allegro moderato
IV. Allegro ma non troppo

ENSEMBLE DARCOS

Um dos traços mais vincados da biografia de Brahms é o seu amor platónico por Clara Schumann. Essa impossibilidade viria a ser o catalisador de uma série de obras musicais, em que o génio do compositor se revela plenamente. Disto é exemplo o Quarteto op. 60, composto entre 1856 e 1875 e estreado a 18 de novembro desse ano, com Brahms ao piano. Segundo o próprio, em carta dirigida ao editor Fritz Simrock, a capa da edição do quarteto deveria ser a de um jovem prestes a suicidar-se, invocando Werther, o personagem do livro de Goethe que sucumbe ao seu amor pela mulher do melhor amigo. Repleto de contrastes dramáticos e motivos melódicos sinuosos, a tensão latente que se mantém até ao último compasso, faz do Quarteto op. 60 uma das obras maiores do compositor. Seria Fritz Simrock quem, de forma insistente, desafiou Antonín Dvořák a escrever um quarteto com piano. A 10 de agosto de 1889, escrevia Dvořák para o amigo Alois Göbl "Tenho três andamentos de um novo quarteto com piano completados e o último será terminado em breve. Tudo tem acontecido de forma inesperadamente fácil e as melodias ocorrem-me em catadupa. Graças a Deus!". O quarteto, terminado a 19 de agosto, viria a estrear a 17 de outubro desse mesmo ano, em Frankfurt. O I andamento revela a tendência de Dvořák para temas líricos longos, arrebatadamente românticos, ainda que de carácter instáveis, ora escuros e trágicos, ora claros e heróicos. O II andamento, o mais longo dos quatro, é uma canção serena, em contraste com o Scherzo seguinte, ao jeito de um *ländler*. O último andamento pauta-se por uma exuberância emocional, no contraste entre um tema turbulento e outro lírico, ao qual não falta a evocação do dulcimer, em jeito de dança folclórica.

CONCERTO DE NATAL

16 dezembro [sexta-feira | 21:30]
Átrio da Câmara Municipal
de Torres Vedras

17 dezembro [sábado | 21:30]
Música na Universidade
Salão Nobre do Instituto
Politécnico de Lisboa

Obras de Strauss, Debussy, Ravel, Wolf, Rautavaara, Lopes-Graça, entre outros

André Baleiro | barítono
Helder Marques | piano

A palavra natal vem do latim, *natalis*, do verbo *nascor*, nascer. Não é possível concluir em que ano a Igreja Cristã primitiva instituiu o dia 25 de dezembro como a data para celebrar o nascimento de Jesus. Mas tendo em conta que o dia 25 de março é a Festa da Anunciação (quando o Anjo Gabriel apresentou-se diante da Virgem Maria, comunicando-lhe que no seu ventre germinava uma criança, filha de Deus), 9 meses depois estamos em dezembro. Mais ainda, se a Anunciação coincide com o equinócio da primavera, o Natal coincide com o solstício de inverno. Muitas das tradições pagãs associadas a este último foram sendo assimiladas, passando a fazer parte do Natal tal como hoje o concebemos. Da Saturnália (festival romano em honra do deus Saturno), vieram a troca de presentes e o hábito de decorar pinheiros. Das festividades celtas, o madeiro e as coroas de flores. André Baleiro é um dos barítonos mais inspirados da sua geração. De timbre caleidoscópico, e gosto musical irrepreensível, tem somado prémios internacionais nos últimos anos, vencendo o 17º Concurso Internacional Robert Schumann (2016), Prémio Most Promising Talent do Concurso Internacional DAS LIED (2017), Prémio Cultural Theodor Heuss (2017) e o Concurso SWR Young Opera Stars (2019). Ao longo dos séculos, a música, particularmente as canções, foram ganhando um espaço próprio nas celebrações natalícias, veiculando uma série de metáforas. Jesus é o Redentor da Terra, segundo o 1º hino de Natal conhecido (séc. IV), o Alfa e Ómega [o princípio e o fim], uma rosa em flor, o sol invicto. Todos são convidados a ir adorar o Menino, tal como os pastores de Belém, a partilharem o seu pão com os mais desafortunados mas, igualmente, a tocar os sinos de alegria, a fazerem bonecos de neve ou a empanturrarem-se com doces. Como diz a versão portuguesa, "Noite feliz! Noite de amor! Entre os astros que espargem a luz, proclamando o menino Jesus, brilha a estrela da paz!".

TEMPORADA DARCOS 2022

Direção artística
Nuno Côrte-Real

Consultoria
Afonso Miranda

Gestão artística
Vanessa Pires

Textos
José Bruto da Costa

Produção executiva
Raquel Fonseca

Assistente de produção
Ricardo Ventura

Coordenação de projetos
Manuel Lima

Relações públicas
e assessoria de imprensa
Débora Pereira

Contabilidade
Luís Silvestre

Imagem gráfica
Olga Moreira
a partir de fotografias
de Jorge Carmona

Comunicação e Imagem
Câmara Municipal de Torres Vedras

temporada

DARCOS

2022

15ª edição

ORGANIZAÇÃO

Torres Vedras Câmara Municipal

TEATRO·CINE TORRES VEDRAS

DARCOS

ESTRUTURA FINANCIADA POR

REPÚBLICA PORTUGUESA CULTURA

dgARTES DIREÇÃO-GERAL DAS ARTES

APOIO INSTITUCIONAL

LISBOA

PARCEIROS

CCB

casa da música

COLISEU PORTO

APOIO À COMUNICAÇÃO

ANTENA 2

Turismo Centro Portugal

APOIOS

OESTE PORTUGAL

temporadadarcos.com | ensembledarcos@gmail.com